

Manuel Braga da Cruz

Novas revistas de ciências sociais em Portugal

Indício claro do recente desenvolvimento das ciências sociais em Portugal é, por certo, o sucessivo aparecimento de novas revistas e o reaparecimento de outras que haviam interrompido a sua publicação.

Ainda na segunda metade da década de 70, havia-se já assistido ao novo *élan* da revista *Economia e Sociologia*, do Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora, mas intimamente ligada à Universidade de Évora e dirigida por Augusto da Silva, e ao promissor aparecimento da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, editada pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra e dirigida por Boaventura de Sousa Santos. A revista de Évora registou, sobretudo com a publicação de importantes números monográficos sobre as eleições legislativas de 1975 e 1976 (1976), sobre a Igreja e a prática religiosa em Portugal (1979) e sobre a sociologia parsoniana (1980), uma abertura a candentes temáticas sociológicas, tanto de âmbito teórico como aplicado, de que é porventura resultado mais palpável a edição de um número dedicado aos resultados de uma pesquisa sobre os congressos partidários de 1981 (1985). Por seu lado, a revista de Coimbra, longe de se limitar a publicar apenas investigação própria dos seus redactores, alargou a colaboração a outros espaços académicos nacionais e estrangeiros e promoveu a realização de dois importantes colóquios, cujas actas veio a publicar, sobre a pequena agricultura em Portugal (1981) e sobre os dez anos de transformação social decorridos após o 25 de Abril (1985 e 1986). Uma e outra revista alargaram substancialmente e descentralizaram, já nessa década, a investigação no domínio das ciências sociais, numa procura clara de interdisciplinaridade e fomentando um fecundo intercâmbio institucional académico.

Também nos finais dos anos 70 surgiu já a *Revista de História Económica e Social*, dirigida por Vitorino de Magalhães Godinho, congregando em torno dessa especialidade um leque qualificado de investigadores de várias universidades do País, a qual merece ser aqui referida pela intenção esboçada de se abrir às temáticas mais vastas das ciências sociais.

O reaparecimento de *Estudos Sociais e Políticos*, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, em 1981, depois de quase uma década de paralisação, veio igualmente revelar uma vontade de potenciar um tradicional espaço de investigação e ensino. Privilegiando, nos primeiros anos, a publicação de lições de professores e de estudos internacionais (1981 a 1983), tem esta revista, dirigida pela veteranía experiente de Adriano Moreira, vindo

a abrir a sua atenção, nos anos mais recentes, a estudos mais diversificados sobre estratégia, sobre partidos e o sistema político português, sobre regionalização e descentralização política, onde merece ser realçada, a par da tradicional colaboração de conhecidos professores do Instituto, a autoria de trabalhos académicos de alunos de mestrado.

Em 1983 veio a público *Ler História*, iniciativa do Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa do ISCTE, dirigida por Miriam Halpern Pereira, que se tem vindo progressivamente a credenciar, não já apenas como revista de história, nem tão-só contemporânea, nem mesmo confinada institucionalmente, mas como revista aberta e viva, quer em relação a novas perspectivas da historiografia, quer a outros períodos históricos mais remotos, quer a colaborações qualificadas não só nacionais, mas também estrangeiras, quer ainda a outros tipos de trabalhos publicados que não simples artigos, entre os quais merecem destaque e referência a publicação de entrevistas (a Eric Hobsbawm, a Albert Silbert, a Michel Vovelle), o debate de ideias (como o desenvolvido em torno do individualismo de Macfarlane) e a crítica actualizada de livros e publicações. A interdisciplinaridade que pratica fez desta revista, mais do que simples publicação de história, um autêntico jornal de ciências sociais. E por isso mesmo a incluímos nesta resenha, que não pretende abarcar as revistas de história.

Na senda da descentralização da investigação social, iniciada em Évora e Coimbra, apareceram também no Porto, em 1984, os *Cadernos de Ciências Sociais*, dirigidos por José Madureira Pinto, congregando um leque de colaboradores, maioritariamente ligados à Faculdade de Economia do Porto, mas onde têm figurado sociólogos, economistas, historiadores e filósofos de outras latitudes, nomeadamente do ISCTE e do ISE de Lisboa e da Faculdade de Letras do Porto. Além da metodologia das ciências sociais, a revista tem dedicado especial atenção à crise do desenvolvimento industrial, ao sistema de ensino e à construção de representações e de legitimção sociais.

Em 1985 foi a vez de surgirem, mas agora em Lisboa, duas novas revistas especializadas tematicamente: a *Revista de Comunicação e Linguagens*, órgão do homónimo Centro de Estudos do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova e dirigida por Adriano Rodrigues, e a *Revista de Ciência Política*, editada pelo recém-criado Instituto de Estudos Políticos e dirigida por José Manuel Durão Barroso, sob o patrocínio de um muito alargado e representativo Conselho de Consultores. A primeira, optando pela publicação de números monográficos, circunscreveu os seus três números já saídos às temáticas das «Máquinas censurantes modernas», ao «Espaço público» e às «Textualidades», estando previstos números a dedicar ao estudo da «Estética dos desvios» e das «Paixões». Neles têm prevalecido abordagens essencialmente teóricas, por vezes vertidas numa linguagem que não facilita a comunicação com outros ramos das ciências sociais. A segunda tem privilegiado os estudos políticos portugueses, sobressaindo artigos sobre a experiência constitucional, o sistema partidário, a história portuguesa da ciência política, sem contudo descurar a perspectiva comparada com outros países, por um lado, e a análise teórica de conceitos e problemas (como o poder e a queda de regimes autoritários), oferecendo ainda aos leitores um actualizado conjunto de crónicas constitucional, eleitoral e de opinião pública.

No ano anterior surgira também no Porto uma outra revista especializada, *Sociedade e Território. Revista de Estudos Urbanos e Regionais*, diri-

gida por A. Fonseca Ferreira, que reunia num mesmo corpo redactorial profissionais de vária proveniência geográfica e académica (sobretudo sociólogos, arquitectos e engenheiros) com intervenção teórica e/ou prática no domínio regional e urbano. Os quatro números já publicados, especialmente dedicados aos «clandestinos» (1984), à «cidade existente» (1985), às «áreas metropolitanas» (1985) e ao «planeamento na periferia» (1986), deixam perceber a intenção, não só de pensar criticamente os problemas do espaço social, mas também de lhes apontar alternativas.

Nos últimos anos surgiram três revistas que, embora mais vocacionadas para a intervenção política, não deixam de constituir um assinalável espaço de investigação social. Assim surgiram, primeiro, em 1976, *Democracia e Liberdade*, revista do Instituto Democracia e Liberdade — Amaro da Costa, dirigida por Eugénio Anacoreta Correia; depois, em 1980, *Perspectivas*, da Fundação Oliveira Martins, dirigida por Rui Machete; e mais recentemente, em 1984, uma revista de cunho mais acentuadamente técnico-científico, *Desenvolvimento*, do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, dirigida por Teresa Ambrósio. Em todas estas revistas têm sido publicados importantes trabalhos de investigação política e social que merecem a melhor atenção.

Por último, é de registar o recente aparecimento da mais jovem revista de ciências sociais, publicada pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE: *Sociologia. Problemas e Práticas*, dirigida por Paquete de Oliveira e onde prevalece a colaboração de jovens assistentes desta escola, bem como a de estudantes finalistas, num claro propósito de articular a investigação com a pedagogia, por um lado, mas também a actividade de investigação com a intervenção social.

Análise Social, que tem procurado contribuir para o incremento da investigação científica no domínio das ciências sociais há já cerca de vinte e cinco anos, não pode deixar de registar e saudar com satisfação todo este crescimento quantitativo, que denota um amplo e cada vez mais promissor desenvolvimento das ciências sociais em Portugal.